

AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

2

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

2

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0631-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.310220610>

1. Ciências humanas. 2. Educação. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea, *As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais 2*, reúne neste volume vinte e sete artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas dos vários saberes que compreendem as Ciências Humanas.

Esta coletânea parte da necessidade de se abordar os mais diversos fenômenos sociais e culturais, passando pelas peculiaridades da educação, do conhecimento psicológico, da sociologia, da história e da arte, na tentativa de demonstrar a complexidade que das relações humanas em sociedade, influenciados por uma cultura.

Espero que consiga colher desses artigos que se apresentam, boas questões, e que gerem diversas discussões para a evolução do conhecimento sobre o fator humano.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AFETAR-SE PARA CONHECER, CONHECER PARA PERMANECER - APROXIMAÇÕES DA TEORIA DOS AFETOS EM ESPINOSA COM A INFÂNCIA TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA-BA

Paloma Iohana Santos do Amparo

Christiana Cabicieri Profice

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206101>

CAPÍTULO 2..... 15

ANÍSIO TEIXEIRA E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Adelcio Machado dos Santos

Rita Marcia Twardowski

Audete Alves dos Santos Caetano

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206102>

CAPÍTULO 3..... 25

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fábia Cristina Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206103>

CAPÍTULO 4..... 40

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS COM O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO PROPOSTA PRÁTICA DE ATENDIMENTO DAS DEMANDAS DO SÉCULO 21 NO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Lilian Amatucci Gazoti

Carlos Vital Giordano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206104>

CAPÍTULO 5..... 51

NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO: MANUAL DO USUÁRIO

Francisco Mauro da Justa Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206105>

CAPÍTULO 6..... 64

PROJETO DE VIDA E VISÃO DE FUTURO DE JOVENS ESTUDANTES DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA RECIFENSE

Giselle Maria Robspierre de Almeida

Albenise de Oliveira Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206106>

CAPÍTULO 7	76
PROHAITI E PRÓ-IMIGRANTE – O ACESSO DE ALUNOS IMIGRANTES E REFUGIADOS À EDUCAÇÃO SUPERIOR: OS DESAFIOS DO ACOLHIMENTO DIANTE DA ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE OCIDENTALIZADA	
Antônio José Moreira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206107	
CAPÍTULO 8	96
UMA REFLEXÃO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL NO LIVRO DIDÁTICO: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS, A PARTIR DAS OPERAÇÕES COM E SOBRE A LINGUAGEM	
Ariane do Nascimento Oliveira Pêres	
Antônio Carlos Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206108	
CAPÍTULO 9	110
LITERATURA E TECNOLOGIA: INSPIRAÇÃO, INVENÇÃO, TRANSFORMAÇÃO	
Adelcio Machado dos Santos	
Soeli Staub Zembruskii	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3102206109	
CAPÍTULO 10	119
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061010	
CAPÍTULO 11	133
ESTADO E SOCIEDADE CIVIL NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
Marclin Felix Moreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061011	
CAPÍTULO 12	144
A ACEITAÇÃO DA MORTE NO MÉXICO DIANTE DO COVID-19	
Denis Ocaña Gómez	
Gilda de León Mayoral	
Fabio Vinícius Silva Lemos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061012	
CAPÍTULO 13	157
CREATIVE ECONOMY AS A COUNTRY BRAND DEVELOPER IN COLOMBIA	
Julio Ramírez Montañez	
Maria Alejandra Quiroga Manrique	
Karol Dayana Diaz Gonzalez	
Oriana Marcela Paez Cubides	
Nicole Juliana Largo Fonseca	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061013>

CAPÍTULO 14..... 164

MICHEL FOUCAULT – ATUAL

Rodrigo Borges Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061014>

CAPÍTULO 15..... 173

VÍCIO DE CONSENTIMENTO NA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA

Amanda F. Sampaio

Brenda O. Lopes

Marcello Nicolas L. Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061015>

CAPÍTULO 16..... 186

VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA CONTRA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO ESPÍRITO SANTO: FREQUÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS

Guilherme Germano da Silva

Mariana Rabello Laignier

Franciele Marabotti Costa Leite

Luiza Eduarda Portes Ribeiro

Nathália Miguel Teixeira Santana

Luciana de Cássia Nunes Nascimento

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061016>

CAPÍTULO 17..... 197

LOS CONSORCIOS DE EXPORTACIÓN EN EL ESTADO DE ZACATECAS Y ACCESO AL MERCADO DE LOS ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA, 2009-2021

Noemi Dolores de La Torre Belmontes

Saul Robles Soto

Rafael Sosa Carpenter

Marlen Hernández Ortiz

Imelda Ortiz Medina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061017>

CAPÍTULO 18..... 213

CASTRAÇÃO COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA PÚBLICA DE TRATAMENTO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DE CRIMES SEXUAIS

Rodrigo Borges Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061018>

CAPÍTULO 19..... 223

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO SISTEMA TRIBUTÁRIO BRASILEIRO E AS SUAS POSSÍVEIS SOLUÇÕES EM DISCUSSÃO

Alan José Alves

Douglas Carvalho de Assis

Rauli Gorss Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061019>

CAPÍTULO 20..... 245

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO (PBLMODIFICADO) EM RADIOLOGIA ODONTOLÓGICA: - TÉCNICA INTERPROXIMAL E ERROS RADIOGRÁFICOS

Plauto Christopher Aranha Watanabe

Fabio Santos Bottacin

Marcelo Rodrigues Azenha

Giovani Antonio Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061020>

CAPÍTULO 21..... 265

AS ILHAS DE CALOR E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES: A IMPORTÂNCIA DAS ÁREAS VERDES

Willian Borges Vieira

Laila Raissa Pereira Morais de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061021>

CAPÍTULO 22..... 277

ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO ESPAÇO RURAL DE GUARAPUAVA A PARTIR DOS DADOS DO CENSO AGROPECUÁRIO DE 2017

Ana Edeli de Souza

Mario Zasso Marin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061022>

CAPÍTULO 23..... 299

ESTUDO DE CASO DA ATUAÇÃO DO GRADUADO EM ENGENHARIA ELÉTRICA NA FRONTEIRA OESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Theodoro da Silva Rodrigues

Alexandre Silva de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061023>

CAPÍTULO 24..... 325

COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS DE AMOSTRAGENS E ESTUDO DA COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE QUIRÓPTEROS DO CARSTE DO MUNICÍPIO DE MATOZINHOS, MINAS GERAIS

Jackson Souza Silva

Marco Túlio Magalhães Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061024>

CAPÍTULO 25..... 338

IMPLEMENTATION OF STORY DOING AND STORYTELLING AS TECHNIQUES TO IMPROVE THE CUSTOMER JOURNEY IN A DIGITIZED COLOMBIAN MARKET

Julio Ramírez Montañez

Gabriela Arciniegas Vargas

Mariana Monroy Valenzuela
Jimena Vargas Moreno
Edward Santos López
Laura Macías

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061025>

CAPÍTULO 26.....357

POR UMA “IGREJA EM SAÍDA”: MARCO ECLESIOLOGICO ENTRE COMBLIN E O PAPA FRANCISCO

Anderson Moura Amorim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061026>

CAPÍTULO 27.....362

O MERCADOR E A MORALIDADE CRISTÃ NO OCIDENTE ENTRE OS SÉCULOS XI e XIII

Guilherme Henrique Marsola

Jaime Estevão dos Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.31022061027>

SOBRE O ORGANIZADOR.....374

ÍNDICE REMISSIVO.....375

CAPÍTULO 8

UMA REFLEXÃO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL NO LIVRO DIDÁTICO: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS, A PARTIR DAS OPERAÇÕES COM E SOBRE A LINGUAGEM

Data de aceite: 03/10/2022

Ariane do Nascimento Oliveira Pêres

Mestranda do Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de
Humanidades - PPGEH- IFES
<http://lattes.cnpq.br/4200604995956371>

Antônio Carlos Gomes

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa
pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.
Professor titular do IFES - Instituto Federal
do Espírito Santo – Campus Vitória, docente
permanente do Mestrado Profissional em
Humanidades e do Mestrado em Letras -
Profletras
<http://lattes.cnpq.br/9995004018308532>

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo uma proposta de pesquisa cuja temática de estudo alinha-se aos estudos da linguagem com práticas antiracistas, utilizando como temática o racismo estrutural apresentado nos livros didáticos de forma silenciosa, potencializando o processo de ensino-aprendizagem no que se refere à produção de conhecimento através da desconstrução de estereótipos, a partir das operações com e sobre a linguagem, nos anos finais do Ensino Fundamental. Essa pesquisa versa construir estratégias para refletir e sistematizar caminhos que contribuam de forma significativa com o trabalho do professor, para que por meio das operações de linguagem, na

prática, o docente possa em diálogo com os alunos, problematizar os cenários propostos no livro didático, desconstruindo estereótipos que encobrem ou naturalizam o racismo estrutural, no entanto o nosso foco principal é constituir sujeitos críticos e mais humanizados por meio do processo interativo com e pela linguagem. Como produto educacional, iremos construir um ebook com reproduções de atividades já presentes no livro didático que evidencie essas estratégias em uma perspectiva ativa, ou seja, capaz de influenciar o pensamento da maioria a partir do conflito de ideias. Esse propósito visa dispor um trabalho pedagógico sobre o racismo estrutural nos livros didáticos e nas aulas de Língua Portuguesa.

RACISMO ESTRUTURAL NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO

Os reflexos do racismo estrutural no cenário da educação e a tentativa de estruturar um debate acerca do tema traz à tona questões fundamentais para o campo Educacional, uma vez que a naturalização de pensamentos e situações que promovem a discriminação racial formam o racismo estrutural no campo da educação até mesmo além dos muros das escolas, precisando assim de um olhar aguçado para serem desarticulados.

Para compreender o racismo estrutural, é preciso refletir sobre a naturalização de ações,

hábitos, situações, falas e pensamentos que já está incutido no cotidiano do povo brasileiro, e promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Um processo que atinge tão duramente — e diariamente — a população negra (ALMEIDA, 2018). Diante disso, a educação passa a representar novos desafios em relação a este paradigma, pois pertence à mesma formar cidadãos que valorize, respeite e se reconheça na sociedade — sociedade esta que os coloca sempre à margem.

A sociedade brasileira tem obtido cada vez mais projeção sobre o debate no que se refere a igualdade étnico-racial e equidade de direitos sociais, sobretudo no campo da educação o debate vem se fortalecendo na resignificação dos seus elementos normativos e de mediação pedagógica buscando constantemente a efetividade no combate ao racismo estrutural e discriminação racial, que atingem os negros, através dos instrumentos de manutenção e mecanismos inclusos na educação pública brasileira, em sua organização, institucionalização de regras e disciplinamentos com os padrões de condutas, naturalizando-se para uma racionalidade de cultura escolar, predominante nos locais de formação de estudantes de baixa renda, em sua maioria negros.

Sabemos que o chão das escolas não são espaços imunes mas sim segmentado da sociedade, porque ela é constituída e construída pelas mesmas pessoas que circulam fora daquele espaço, mas considerando a instituição de ensino como o espaço na qual estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias são desconstruídas, precisamos fortalecer diálogos e reflexões a procura de meios de realizar ações afirmativas no combate ao racismo, a discriminação e ao preconceito que vitimizam a comunidade escolar negra.

Em virtude disto, a abordagem da história e cultura africana e afro-brasileira no campo da educação busca ou deveria buscar desconstruir e desarticular o racismo estrutural que direta e indiretamente afeta a população e principalmente os alunos. Mas que, viabiliza a auxiliar o autoconhecimento da identidade das pessoas negras, além de contribuir para a igualdade étnico-racial. Partindo do pressuposto de que todos somos iguais, proporei resignificação e aplicabilidade dessas atividades do livro didático, da coleção “Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018), que atualmente é a coleção adotada nas escolas do Estado, conforme os dados do (PNLD) Plano Nacional do Livro Didático (2017).

Objetivando reflexões e debates sobre a valorização da diversidade étnica e cultural, ampliando seu conhecimento através das vivências, discussões com os outros colegas, buscando inserir no contexto das aulas de LP uma educação antirracista, oportunizando ações didático/pedagógico que viabilize o reconhecendo étnico-racial, as lutas e resistências de um povo na busca no fortalecimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

A inquietação partiu de algumas contradições ou insatisfações nos LD, o fato destes possuírem textos importantes, porém com propostas de atividade mecanizadas, dispensando o conhecimentos empírico dos alunos, Paulo Freire afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), com isto, quer dizer que apoio na

realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento, e a bagagem que os alunos possuem. Através da experiência como docente observei que, ainda persiste, na contemporaneidade, a extinção de textos, atividades, até mesmo de autores negros, à negação de suas produções culturais, a negação de um discurso intercultural, um conhecimento colonial, assegurado muitas vezes pela dimensão pedagógica.

O racismo estrutural se expressa para além de sua dinâmica subjetiva e se consolida quando esses grupos são de certa forma limitados de acessos e permanência à espaços legitimados pela sociedade, muitos deles quando não galgam o sucesso profissional, muitos fracassam em suas trajetórias escolares, param no meio do caminho e evadem, não avançam, são os que tem menos escolaridade, se tornam profissionais subalternizados, mal remunerados, estão nos posicionamentos mais baixos da hierarquia social.

Nesse sentido, a presente pesquisa justifica-se uma importante contribuição para os docentes, como já apontado o LD quando não é o único meio é o mais utilizado nas escolas públicas, com o apoio e mediação pedagógica as práticas podem ser neutralizadas, ao propor um espaço de troca de saberes, almejando entender que as narrativas construídas dão significados as suas vidas e existências, saberes estes que possuem legitimidade, acrescentados em seus repertórios culturais e subjetividades que cada um construiu, revelando dimensões que até então não foram exploradas, contribuindo para a identidade cultural, tanto para o campo do ensino como da pesquisa.

É muito comum o não diálogo entre a instituição escolar com os conflitos étnico-culturais evidenciados em seu interior, o silenciamento e a negligência de debates restringidos aos estudos que problematizam as relações raciais na escola, refletindo sobre as origens de um pensamento de permanência do racismo e o desenvolvimento de uma reação antiracista, através do fazer pedagógico, tudo dito acima traduz-se na inconclusão do percurso escolar, dificuldades de ascensão social, crescimento e sucesso profissional, acesso a posicionamentos sociais legitimados, negação a espaços de poder e decisão. Assim, os reflexos do racismo operam num primeiro momento como elemento integrador para na etapa final do processo educativo fazer o descarte desses sujeitos. Para nortear os caminhos dessa pesquisa procuro estabelecer uma ligação dos estudos culturais com a epilinguagem, buscando a reflexão do indivíduo na perspectiva de formação dos sujeitos e das suas experiências escolares e cotidianas. Os textos presentes nos livros didáticos carregam na sua essência um conjunto de ideias e estruturas derivadas de uma historiografia europeia, apresentando certa 'padronização' na produção dos livros didáticos, quanto ao uso da iconografia, de atividades pedagógicas e textos suplementares. Somado a esses aspectos, considera-se ainda que as editoras promovem mudanças no projeto original das obras apresentadas pelos autores (MEDEIROS, 2005, p. 37-38). Essas alterações afetam diretamente a forma de pensar e de ensinar do professor, bem como as formas de aprender do estudante.

RETRATO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

Mesmo com algum avanço nos últimos anos, muitos professores ainda podem se deparar com livros didáticos que carregam preconceitos em relação à população negra. No caso das escolas públicas, isso já não deveria mais acontecer também por ser item de exclusão de obras nos editais do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), e os especialistas são unânimes em dizer que é preciso eliminar toda e qualquer representação negativa.

Mas como sabemos as instituições educacionais não estão isentas de serem submetidas a influências racistas, logo, a discriminação étnico-racial é encontrada nas escolas, presente entre estudantes, professores/as, direção da instituição, nos materiais midiáticos e didáticos das escolas. Sendo assim a escola não pode isentar-se de trabalhar com as questões raciais, pois cabe a ela formar cidadãos anti-racistas, solidários e respeitosos (LOPES, 2005).

Lopes aponta que para promover igualdade as instituições educacionais teriam necessidade de comprometer-se com projetos que visem conscientizar e modificar mudanças nas atitudes dos alunos, com o intuito de combater o racismo (LOPES, 2005). Nessa direção a escola poderá “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça [...] e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

O livro didático é parte da cultura material escolar e, portanto, comporta conteúdos ideológicos hegemônicos, ele permanece como o mais frequente recurso utilizado pelos docentes e que, na maior parte dos casos, as imagens desses materiais didáticos contradizem os princípios preconizados na Lei 10.639/03, pois não evitam a discriminação, além de reforçarem o preconceito.

Muitas das problemáticas que apareceram ao longo da análise feita no LD são reflexos de uma sociedade preconceituosa da qual ainda fazemos parte. Diretamente associado a isso, temos o fato de que pouco discute, no âmbito acadêmico e formal. A educadora Dr.^a Nilma Lino Gomes aponta que

a implementação da lei 10.639/03 também encontra os cursos de formação de professores em ensino superior com pouco ou nenhum acúmulo sobre a temática racial e, muitas vezes, é permeada pela resistência a sua própria inserção nos currículos dos cursos de Pedagogia e Licenciatura (GOMES, 2010, p.103- 104, grifo nosso).

Ao considerar os livros didáticos examinados, uma série de possibilidades interpretativas decorrem do estudo, o silenciamento do tema, as abordagens ou grupos sociais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (MEC, 1997), a Escola deve ser o espaço privilegiado para a formação de práticas igualitárias, de modo a eliminar toda forma de discriminação e racismo, é evidente que crianças negras são vítimas de preconceito racial dentro das escolas e indicam também que essas ideias afetam negativamente a construção da subjetividade, autoestima e podem ser prejudiciais

ao processo de aprendizagem dos alunos.

Acreditamos ser possível criar dentro da escola novos espaços de aprendizagem em que os alunos possam utilizar o LD juntamente com a abordagem da epilinguagem para pensar, refletir, e exteriorizar relações dialógicas através de determinadas atividades. Esses espaços devem possibilitar a construção de conceitos diferenciados a partir de novas formas de linguagem, de sensibilização e de organização que atinjam a raiz do nosso imaginário, tanto no aspecto externo, das atitudes, palavras e comportamentos, como no interior, dos nossos valores, crenças e emoções (SOUSA, 2005, p. 200).

Ribeiro destaca que a inserção dessa literatura ou até mesmo esta abordagem é de suma importância para a desconstrução de estereótipos, podendo incidir no imaginário das crianças, favorecendo o pensar sobre e o a partir de então na produção de novos conceitos, atitudes e ações quanto ao ser negro, pois “atos imaginativos antecedem mudanças em nossas atitudes e ações” (1996, p. 172)

Baseada na cultura eurocêntrica, a educação brasileira desenvolve uma política de discriminação e exclusão do povo negro, visto que não incluem em seus conteúdos programáticos estudos sobre essa cultura, principalmente nos livros didáticos de língua portuguesa, os materiais didáticos trabalhados na escola não estão voltados para desenvolver uma prática de valorização das culturas e etnias que existem em nosso país.

Sobre isto, Silva (2005) destaca:

“De modo geral, ele omite ou apresenta de forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico – cultural de diversos segmentos sociais tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas e os trabalhadores entre outros.” (SILVA, apud, MUNANGA 2005, p. 23)

E ainda enfatiza:

“Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas últimas décadas” (Idem, p. 23)

Segundo Sant’ Ana (2005, p. 57), a partir de dados levantados por muitos pesquisadores sobre o racismo no livro didático, alguns pontos foram detectados e levantados, são eles:

1. Nas Ilustrações e textos o negro pouco aparece e, quando aparece, está sendo representado em uma situação de inferiorização comparado ao branco;
2. Pouco ou nada está ilustrado sobre a família negra, é como se a criança negra não tivesse família.
3. Os textos presentes nos livros fazem a criança pensar que a raça branca é mais bonita e mais inteligente;
4. Nos textos sobre a formação étnica do Brasil são mostrados o índio e o negro; o branco não é mencionado (em alguns casos) já é pressuposto;

5. Índios e negros são geralmente citados no passado, como se não existissem;
6. Os textos de história e estudos sociais limitam-se as referências sobre as contribuições tradicionais dos povos africanos.

Diante dos pontos abordados acima, podemos entender o porquê da criança negra não se sentir na maioria das vezes representada no livro didático, tão pouco sua família ou algo que faça parte do seu cotidiano. É neste momento, que a escola, junto com os professores, aliados aos livros didáticos devem tratar desta questão étnica de maneira democrática, sábia e provocativa, trabalhando a reflexão, objetivando apresentar para seus alunos a autonomia, buscar sua identidade, e a necessidade de respeitar o valor peculiar que cada povo e cada cultura possuem.

Silva (1989) complementa:

“O livro didático ao vincular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação” (Silva, 1989, p. 57)

Assim, as representações dos negros no livro didático estão normalmente carregadas da ideologia do grupo dominante. Onde, na maioria das vezes, não possuem a oportunidade de escrever sua própria história, ou seja, a sociedade brasileira adaptou-se em ver os negros exercerem papéis sociais subalternos e desvalorizados no contexto social. Silva mais uma vez manifesta que:

“O estereótipo do negro estigmatizado em papéis de baixo prestígio social contribui, em grande parte, para que as pessoas de pele clara tenham adquirido o senso comum de que os negros não têm papéis e funções diversificadas e que esse é o “seu lugar” na sociedade, bem como para que muitos negros no passado interiorizassem essa representação e aceitassem como natural a estigmatização, como o seu lugar na sociedade. Por outro lado, a exclusão real na sociedade é exercida através do código da “boa aparência”, que contribui em larga escala para barrar os negros que tem capacitação, para exercer os papéis e funções consideradas de prestígio social” (Silva, 2001, p. 14).

LIVRO DIDÁTICO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Há muito tempo, o livro é um atributo de superioridade intelectual e, muito notadamente, social, além de ser o “símbolo de todos os poderes” (CHARTIER, 1997). A história do livro é muito antiga e surgiu há aproximadamente quatro mil anos, no Egito, com o uso de folhas de palmeira para o registro de acontecimentos.

O patrimônio faz parte da construção dos referências históricos individuais e coletivos, principalmente no que se refere ao cenário histórico local. No entanto, essa

percepção não é um elemento trivial, o processo de formação e de reconhecimento dessa identidade deve fazer parte da formulação e execução de políticas públicas que contemplem o patrimônio, mas apenas essa prática não dá conta de estimular uma cultura de conhecimento e valorização patrimonial, logo também devem ser cultivadas medidas educacionais relativas à conscientização, identificação, reconhecimento, compreensão e ressignificação dos aspectos históricos culturais manifestos de diferentes formas.

Para além das definições até aqui citadas, o conceito de patrimônio também aparece atrelado a um leque de valores artísticos, estéticos, sociais e culturais, sob a categorização de material ou imaterial.

Dessa forma, considerando o patrimônio como elemento de constituição histórica/identitária, entendemos que ele faz parte, em diferentes tempos, do lugar vivido, usado, habitado e praticado como bem define Certeau (1994). O patrimônio é uma estrutura fragmentada que precisa de uma significação relativa para fazer sentido, esta advém do lugar em que ele é vivido e interpretado e do quão faz parte esse patrimônio da história do lugar.

A TEORIA DAS OPERAÇÕES DA LINGUAGEM E A LINGUAGEM NO LIVRO DIDÁTICO

Mesmo com algum avanço nos últimos anos, muitos professores ainda podem se deparar com livros didáticos que carregam preconceitos em relação à população negra. No caso das escolas públicas, isso já não deveria mais acontecer também por ser item de exclusão de obras nos editais do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). E os especialistas são unânimes em dizer que é preciso eliminar toda e qualquer representação negativa.

Lidar com o LD na educação linguística exige da/o professora/professor um olhar mais crítico para a questão da representatividade política e social de classe, raça, gênero etc. Pois, a crítica

“é necessária para ultrapassarmos os limites impostos pela Modernidade”, para marcarmos “uma posição política nos debates”, ressaltando “a importância de questões sociais - desigualdade, pobreza, injustiças sociais, gênero, racismo etc. - nos estudos da linguagem” (QUEIROZ, 2020, p. 123-124).

Partindo desse pressuposto, trazemos conceito de epilinguismo que é atribuído ao linguista francês Antoine Culioli¹, cuja teoria, no Brasil, é estudada e referenciada por pesquisadores como Franchi (1991); Rezende (2008) e Romero (2011), entre outros estudiosos, onde nos guiará em reestruturar atividades para que os alunos sejam reflexivos,

¹ Antoine Culioli (1990) é um linguista francês reconhecido sobretudo por seus estudos teóricos apresentados na “Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas - (TOPE)”, que entende que a linguística tem como objeto de estudo “a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais” (apud PRIA, 2013, p. 52), isto é, a tarefa do linguista é estudar o funcionamento da linguagem enquanto atividade significante de representação, ou melhor, enquanto atividade de produção e reconhecimento de formas linguísticas.

pratique alteridade e seja autônomo, não busque tal autonomia nas atividades em si, mas que através delas, eles se encontrem, se vejam, e busque sua indetentidade.

Quando o aluno(a) não se vê representado(a) de forma positiva, recebendo a carga da negatividade imposta a sua imagem, sua cultura e sua história, não tem interesse nesse currículo, nessa aula, na própria atividade, muitas da vezes a história trabalhada em sala não a contempla, ou as representam feia, má e incapaz, Ana Célia Silva, considera que a reconstrução da autoestima e da identidade negra deve ser a primeira ação da educação antirracista em todos os espaços educativos. Silva chama atenção para a necessidade de mostrar pessoas negras em diversos espaços e situações.

“É importante que professores quebrem os estereótipos e ofereçam aos alunos a perspectiva que existe na realidade. Os negros estão em posições de importância social e relevância intelectual. Também são cientistas, gestores e políticos.

Os livros paradigmáticos podem ter um papel importante nesse contexto. A autora diz que as produções de professoras e professores do movimento negro e outros autores têm apresentado temáticas que propiciam às crianças negras e não negras o conhecimento do cotidiano, cultura e história do povo negro.

O cerne da discussão sobre o ensino, segundo Suassuna (1995), está na concepção de linguagem que determina o fazer pedagógico. Silva *et al.* (1986) defendem que a maneira como vemos a linguagem define os “caminhos de ser aluno e professor”, pois o modo como se vê a natureza fundamental da língua é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação (TRAVAGLIA, *op cit.*).

Fundamentalmente, três concepções de linguagem podem ser apontadas e, a cada uma delas, podemos associar algumas correntes linguísticas. A primeira concepção vê a linguagem como *expressão do pensamento*. De acordo com essa concepção, as pessoas que não conseguem se expressar, não pensam, sua expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Travaglia (*ibidem*, p. 21) aponta que, de acordo com essa concepção, “a enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”.

A segunda concepção de linguagem a tem como *um instrumento de comunicação*. Essa visão refere-se à língua como um código, um conjunto de signos que combinam entre si segundo regras, capaz de transmitir ao receptor uma dada mensagem. A terceira concepção compreende a linguagem como *uma forma de interação*: “mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana” (GERALDI, 1997b, p. 41). Nessa concepção, de acordo com Travaglia (*op. cit.*, p. 23), a linguagem é “um lugar de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”.

Tal concepção está ligada a uma nova tendência dos estudos linguísticos – o sociointeracionismo – que se preocupa em explicar a linguagem como meio de interação social. Refletindo sobre essas concepções e reconhecendo que elas refletem visões bastante diferenciadas do fenômeno linguístico, Suassuna (1995) afirma que

falta (...) uma concepção mais *globalizante* de linguagem, que leve em conta seu caráter coletivo e cotidiano, seus elementos ideológicos, suas contradições, seus sujeitos produtores. E mais: falta uma concepção de linguagem que norteie, de modo coerente, os procedimentos metodológicos traçados (p. 38).

Como podemos perceber, é de grande relevância que o professor conceba a linguagem de forma ampliada, levando em consideração que ela é o lugar de constituição de relações sociais onde os falantes se tornam sujeitos (GERALDI, 1997b). E que reconheça que a maneira como concebe a linguagem e a língua altera em muito a *forma* como estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino (TRAVAGLIA, 2006).

Objetivando esclarecer ações que se fazem *com* a linguagem, *sobre* a linguagem e as ações *da* linguagem, Geraldi distingue três atividades: as linguísticas, as epilinguísticas e as metalinguísticas. As atividades linguísticas, segundo o autor, são aquelas que, praticadas nos processos interacionais, referem-se ao assunto em pauta, permitindo a sua progressão. Elas demandam “um certo tipo de reflexão que se poderia dizer quase ‘automática’, sem suspensão das determinações do sentido que se pretendem construir na intercompreensão dos sujeitos” (GERALDI, p. 20).

As atividades epilinguísticas são aquelas que, também presentes nos processos interacionais, e neles capazes de ser detectadas, são resultado de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objeto. São atividades que,

independente da consciência ou não, tomando as próprias pressões usadas pelos objetos, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Seriam operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc. e que estão sempre presentes nas atividades verbais (ibidem, p. 24).

Visando a importância do trabalho sob uma abordagem epilinguística, compreendida como a própria atividade de linguagem, buscando no ensino de Língua Portuguesa, explorar possibilidades diferenciadas das tradicionais, pretendemos abaixo descrever pontos que julgamos relevantes sobre a Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE), do linguista francês Antonie Culioli, gênese da epilinguagem.

Como ressalta Gomes (2007),

Todo indivíduo tem autonomia para mobilizar a língua, construindo representações do pensamento e, ao colocar em funcionamento as unidades linguísticas, por um ato individual, faz a enunciação. Portanto, enunciar é operacionalizar a linguagem considerando o ato, os instrumentos e o contexto

da sua realização em determinado espaço-tempo, em que os conteúdos linguísticos permitem o sujeito regular e referenciar o pensamento (GOMES, 2007, p. 12).

A partir dessas reflexões e inquietações, reconhecemos tanto a importância do processo de construção e ressignificação de significados para as aulas de Língua Portuguesa, quanto o diálogo com essa teoria nada pragmática. Portanto, nosso principal interesse é ressignificar as atividades selecionadas, sustentada através da visão Culioliana acerca da enunciação. Para tanto, faz-se necessário estabelecer, fundamentalmente, algumas reflexões no tocante à referenciação, pois [...]

a linguagem não é a reprodução, transcrição ou codificação de um referente: ela constrói valores referenciais que, como construções enunciativas que são, não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pode construir (VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 11).

Nessa perspectiva, em consonância com a teoria que orienta nossa pesquisa, Gomes (2007) reitera que

A linguagem oferece um universo de possibilidades para enunciar e suas operações requerem o exercício de uma metalinguagem que facilite a manipulação, pelo sujeito, de suas construções e reconstruções linguísticas nas diversas interações do dia-a-dia. Diante da necessidade de uma competência para operacionalizar os vários domínios linguísticos, não se pode reduzir o ato enunciativo a um conjunto de situações padronizadas que limitam a descrição das formas de interação verbal (GOMES, 2007, p. 12).

Outro ponto que destacamos na Teoria das Operações Enunciativas é a distinção entre frase e enunciado, pois Culioli não aborda esse conceito de forma tradicional (estruturalista). De acordo com Zavaglia (2016), para esse linguista

[...] a frase está relacionada com as regras que definem a relação predicativa pelo conceito de léxis e o enunciado, por sua vez, com a localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação por um sistema de referência (ZAVAGLIA, 2016, p. 59).

Esta estruturação se insere na TOPE (Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas) proposta pelo francês Antoine Culioli que trata a produção textual como um processo dinâmico e, assim, a atividade linguística torna-se questionadora, aberta e criativa, possibilitando a aprendizagem da língua e da linguagem de maneira construtiva.

A TOPE – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas considera a língua como um sistema de representação da atividade de linguagem produzida por interlocutores em interação. Nesse processo dialógico, realizam-se as operações de representação mental, a referenciação e a regulação. A representação mental se dá pela forma do conhecimento de mundo pelo sujeito. É um processo que se reflete na linguagem e se caracteriza por construir as noções (linguísticas e extralinguísticas) que adquirem forma quando entram em relação com outras noções.

Os processos referenciais consistem nas operações de localização das noções em

um dado tempo e espaço. A regulação define-se por ser a relação enunciativa instaurada entre os sujeitos enunciadorees. Essa operação é central na atividade de linguagem, pois os sujeitos realizam os ajustes na atividade linguagística. Segundo a teoria de Culioli (1990, 1999a, b), a TOPE – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, visa construir um sistema de representações metalinguísticas manipuláveis e operacionais possibilitando o estabelecimento de uma correspondência entre as configurações linguísticas, concebidas como agenciamentos de marcadores no texto oral e/ou escrito, e as operações abstratas.

ATIVIDADES EPILINGÜÍSTICAS E O LIVRO DIDÁTICO

Na Língua Portuguesa ainda é muito discutido a respeito de atividades gramaticais que levam em conta determinadas operações de escrita e reescrita, visando elaborar e transformar textos, relegando para uma etapa posterior da formação dos alunos geralmente sugeridos os últimos anos do ensino fundamental, no entanto o trabalho para a compreensão de uma metalinguagem gramatical evidencia de que o termo “atividade epilingüística” seja praticamente desconhecido pelos professores de LP. Ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa, muitas foram as indagações quanto ao que seriam tais atividades. Em função disso, apresentamos algumas definições dos principais autores que tratam desse conceito. Em Franchi (1991: 36-37), temos o seguinte:

Chamamos de atividade epilingüística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma- as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas lingüísticas de novas significações. Não se pode ainda falar de “gramática” no sentido de um sistema de noções descritivas, nem de uma metalinguagem representativa como uma nomenclatura gramatical. Não se dão nomes aos bois nem aos boiadeiros. O professor, sim, deve ter sempre em mente a sistematização que lhe permite orientar e multiplicar essas atividades. [...] Por um lado, ela se liga à atividade lingüística, à produção e à compreensão do texto, na medida em que cria as condições para o desenvolvimento sintático dos alunos: nem sempre se trata de “aprender” novas formas de construção e transformação das expressões; muitas vezes se trata de tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades lingüísticas comuns. Mas por outro lado, essa atividade é que abre as portas para um trabalho inteligente de sistematização gramatical. [grifo nosso]

Geraldi (2002: 63-64) aponta para o fato de que:

Todas essas considerações mostram a necessidade de transformar a sala de aula em um tempo de reflexão sobre o já- conhecido para aprender o desconhecido e produzir o novo. É por isso que atividades de reflexão sobre a linguagem (atividades epilingüísticas) são mais fundamentais do que aplicação a fenômenos sequer compreendidos de uma metalinguagem de análise construída pela reflexão de outros. Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais

compreenderá seu sentido. [grifo nosso]

Travaglia (2001: 34) considera que:

As atividades epilingüísticas são aquelas que suspendem o desenvolvimento do tópicos discursivo (ou do tema ou do assunto), para, no curso da interação comunicativa, tratar dos próprios recursos lingüísticos que estão sendo utilizados, ou de aspectos da interação. (...) A atividade epilingüística pode ser ou não consciente. Se pensamos que inconsciente se relaciona com a gramática de uso, se consciente parece se aproximar mais da gramática reflexiva, todavia, de qualquer forma há uma reflexão sobre os elementos da língua e de seu uso relacionada ao processo de interação comunicativa.

Conforme podemos verificar pelos apontamentos dos autores, atividades epilingüísticas são aquelas que permitem operar uma reflexão sobre os recursos da língua de modo a potencializar o seu domínio nas esferas pessoais e/ou sociais que demandam um uso eficiente da linguagem verbal. Sobretudo, podemos realizá-las de modo mais ou menos consciente, isto dependerá das finalidades pelas quais são empregadas. A cautela que dispensamos em reformular nossas falas para sermos melhor compreendidos por nossos interlocutores é um exemplo de atividade epilingüística; quando reescrevemos ou remodelamos várias vezes um mesmo texto, transformando-o para tornar sua expressão fiel quanto possível aos nossos propósitos discursivos – as vezes informar, opinar, convencer, emocionar, satirizar ou desculpar-se – estamos realizando inúmeras atividades epilingüísticas.

Nos dois casos mencionados acima, podemos estar mais conscientes de nossas intenções do que das operações que realizamos sobre a língua; porém, não deixa de haver uma reflexão lingüística fundamentalmente voltada para o uso. Na sala de aula, o grau de consciência sobre essas operações que realizamos intuitivamente desde que começamos a adquirir nossa língua materna pode elevar-se se houver um trabalho voltado para este fim, e é o que faremos com as atividades selecionadas nos livros didáticos, o propósito seria alargar o repertório de estratégias a serem deliberadamente utilizadas pelos alunos na construção de seus textos, orais ou escritos, aumentando as suas possibilidades de explorar os diversos recursos da língua e de conhecer os seus efeitos e sentidos. Como diz Tal domínio é representado por uma flexibilidade lingüística que permite adequar os registros às situações e intenções comunicativas, bem como pelo conhecimento dos valores socialmente atribuídos às diversas variedades lingüísticas. Assim, no contexto da educação fundamental, as atividades epilingüísticas constituem um importante meio de instrumentação para as práticas que envolvem as habilidades lingüísticas dos alunos – ouvir (compreender), falar, ler (compreender), escrever. Isso significa que, permeando as atividades lingüísticas propriamente ditas, centradas em práticas constantes de leitura, escrita e oralidade, as atividades epilingüísticas favorecem, por um lado, a aprendizagem de novas formas de construção e transformação das expressões; por outro, a ativação e a adaptação de um sistema a que o aluno já teve acesso por meio de sua prática lingüística

cotidiana.

No que concerne às atividades epilingüísticas, mais especificamente nos livros didáticos, destaca-se a refacção textual, ou seja, reescrita de textos, como situações didáticas, pressupõem encaminhamentos que devem ser levados em conta no planejamento das atividades. Isso significa que não basta verificar equívocos nos textos dos alunos e propor uma reformulação sem direcionar o foco para aspectos que precisam ser trabalhados. Partindo das produções dos alunos, os PCNs sugerem que, entre os diversos componentes da expressão oral ou escrita, isole-se o fator gramatical linguístico ou discursivo a ser estudado, mas sim, tomar como ponto de partida as capacidades já dominadas pelos alunos.

Para tanto, é necessário que o professor selecione em quais aspectos pretende que os alunos se concentrem de cada vez, posto que não é possível tratar de todos ao mesmo tempo, de forma consciente. Destacamos, ainda, que as atividades epilingüísticas precisam ter como foco as dificuldades dos alunos ou partir do que já sabem, de seu conhecimento de mundo para a ampliação das possibilidades de utilização da língua, no caso trabalharemos a ausência ou má formulação que é apresentado o negro em atividades, textos nos LD, dito isso, é necessário o diagnóstico criterioso dos pontos que precisam ser trabalhados. Nesse caso pretendemos que os alunos vejam essas atividades como algo próximo do seu cotidiano, da sua identidade, que através delas eles reflitam a importância e a potência que a voz negra possui, seja através de um poema, um texto até mesmo uma música.

Sem dúvida, a qualidade da educação básica é uma necessidade premente. Contudo, torna-se necessária uma reflexão mais sistemática a respeito da sala de aula, da própria escola, dos sujeitos que atuam nessa instituição, das práticas naturalizadas de interação entre esses sujeitos e do arsenal de instrumentos que auxiliam na concretização dessas práticas. Dentre esses materiais, o livro didático (LD) é um que reivindica grande atenção. No Brasil, o livro didático de português (LDP) é praticamente o único meio de o aluno ter acesso à cultura letrada. Nesse contexto, ele ganha relevância porque é principalmente através dele que esse aluno tem a possibilidade de desenvolver habilidades de leitura e de escrita. Em face disso, é preciso que o LD busque pautar-se pela clareza e correção, quer dos conceitos, quer das informações que transmite, visando a promover tanto a reflexão sobre os fatos de linguagem envolvidos nos processos de interação que envolve a cultura.

REFERÊNCIAS

A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático.** Salvador: EDUFBA, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

REZENDE, Letícia Marcondes. **Atividade Epilingüística e o Ensino de Língua Portuguesa**. Revista do Gel, São Paulo, v.5, n.1, p. 95-108, 2008.

CULIOLI, **Antoine**. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. v.1. Paris: Ophrys, 1990.

ROMERO, Márcia. **Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi**. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2006. 245.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP. 1991. 39 p. GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a base nacional comum curricular. **Revista retratos da escola**. Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade Epilingüística e o Ensino de Língua Portuguesa. **Revista do GEL**; S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1. p. 95-108, 2008. REZENDE, Letícia Marcondes. WAMSER, Camila Arndt. Atividade epilingüística em sala de aula: uma proposta possível. **Estudos linguísticos**. São Paulo, 43 (2): p. 774- 787, 2014.

ROMERO, Márcia. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Para que ensinar teoria gramatical. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 135-231, 2002.

GERALDI, J.W. (1985). **Concepções de linguagem e o ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (org.) **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste. (1997) **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (2002) **Linguagem e ensino**. Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 4, 6, 7, 70, 144

Aluno 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 59, 65, 79, 80, 103, 106, 107, 108, 123, 125, 128, 129, 130, 132, 154, 259, 324

Anísio Teixeira 15, 20, 21, 22, 23

Atuação 28, 41, 42, 44, 57, 121, 124, 188, 220, 245, 299, 300, 301, 302, 308, 309, 310, 312, 316, 317, 322, 362

B

Bagagem 25, 28, 31, 47, 98

C

Captura de morcegos 325, 327, 335

Caracterização 142, 277, 278, 308, 336

Chiroptera 325, 326, 336, 337

Colégio Pedro II 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132

Comércio 52, 122, 174, 225, 362, 363, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372

Comportamento autodestrutivo 186

Contratos 173, 175, 177, 178, 179, 180, 184, 364

Contribuição 20, 21, 22, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 61, 90, 92, 98, 110, 114, 132, 227, 234, 238, 240, 243, 274, 275, 300, 301

Covid-19 144, 145, 152, 153, 154, 155, 156, 210

Creative economy 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

Criança 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 33, 36, 70, 82, 83, 87, 92, 93, 100, 101, 151, 194, 214

D

Democracia 20, 54, 57, 89, 95, 133, 136, 139, 140, 141, 143, 220, 221, 298

Desenvolvimento rural 277, 278, 279, 280, 298

Diagnóstico 51, 55, 58, 108, 150, 242, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 261, 262, 277, 278

E

Educação 2, 1, 2, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 107, 108, 109, 110, 112, 120, 122, 124, 125, 127, 131, 132, 157, 164, 168, 172, 175, 213, 233, 236, 243, 244, 245, 248, 251, 258, 275, 277, 309, 323, 365, 374

Educadores 19, 25, 32, 35, 37

Education 15, 25, 40, 46, 48, 49, 50, 157, 162, 246, 278

Elétrica 112, 113, 116, 287, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 307, 308, 309, 310, 312, 316, 318, 322, 323, 324

Engenharia 15, 110, 272, 276, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 310, 312, 316, 318, 322, 323, 324

Ensino 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 106, 109, 110, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 245, 246, 248, 251, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 275, 285, 304, 316, 322, 362, 374

Epidemiologia 186

Escola pública 64, 67, 73

Estado 4, 5, 11, 13, 28, 38, 44, 49, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 68, 72, 76, 77, 81, 82, 86, 91, 93, 94, 97, 101, 122, 123, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 151, 152, 164, 168, 169, 170, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 229, 234, 244, 249, 271, 275, 299, 300, 301, 307, 308, 322, 323, 325, 357, 358, 359

Etec 40

F

Filosofia da educação 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24

G

Graduado 76, 299, 300, 301, 302, 307, 308, 309, 312, 313, 318, 319, 320, 322, 323

I

Idade Média 146, 362, 363, 364, 365, 371, 372, 373

Igreja em saída 357, 358, 359, 360, 361

Ilhas de calor 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275

Imigrantes 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 90, 91, 92, 93, 95, 175

Indústria pornográfica 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 184

Innovation 157, 162, 299, 348

Inspiração 110, 112, 113, 114, 115

Instrumentos de acesso 76, 88, 90

J

Juventude 37, 64, 65, 66, 67, 68, 74, 279, 298

L

Literatura 100, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 129, 262

Livro didático 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 108

M

Marketing 307, 338, 339, 341, 342, 346, 347, 348, 349, 352, 353, 354, 355

Mercador 362, 363, 366, 367, 368, 369, 371, 372

Missão 19, 37, 91, 117, 122, 306, 357, 358, 359, 360, 361

Morcegos cavernícolas 325, 336, 337

Morte 90, 112, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 179, 265, 364

Museu Nacional 13, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132

N

Natureza 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 64, 67, 81, 83, 103, 110, 122, 125, 126, 128, 135, 136, 139, 146, 167, 173, 178, 213, 214, 217, 219, 220, 222, 224, 247, 248, 332, 357, 358

Neoliberalismo 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 84, 87, 88, 94

O

Odontologia 245, 246, 247, 248, 249, 250, 258, 259, 261, 262, 264

P

Pandemia 144, 145, 152, 155, 210, 258

Papa Francisco 357, 360

Participação 4, 29, 30, 32, 33, 37, 59, 66, 74, 90, 115, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 138, 217, 220, 258, 262, 294, 313

Pedagogia da exclusão 51

Pessoas com deficiência 186, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Pobres 229, 232, 233, 237, 238, 239, 246, 326, 357, 358, 359, 360, 361

Políticas educacionais 51, 58, 59, 62

Principais problemas 55, 223, 224, 225, 227, 241, 249

Profissional 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 64, 70, 71, 73, 75, 91, 96, 98, 124, 127, 128, 129, 149, 188, 189, 245, 280, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 307, 308, 312, 322, 362

Propostas de reforma 52, 59, 223, 224, 232, 238, 241

Q

Qualidade de vida 32, 150, 188, 265, 266, 267, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 300

R

Racismo 93, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109

Radiografia 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260

S

Sociedade civil 30, 43, 133, 134, 137, 140, 142, 143, 220, 221

T

Tecnologia 21, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 74, 81, 110, 111, 114, 116, 117, 124, 247, 301, 307, 324, 364, 374

Tendências 18, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 48

Transformação 17, 21, 43, 45, 53, 56, 106, 107, 110, 111, 116, 117, 124, 138, 140, 300, 362

U

Urbanização 26, 28, 265, 266, 267, 269, 274, 275, 280, 332, 333

V

Violência 62, 116, 174, 175, 176, 177, 178, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 218, 222

AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

